

Sexualidades, corporalidades e transgêneros: narrativas fora da ordem – ST 16

Dr^a Maria Alves de Toledo Bruns

Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Depto. de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP - Campus de Ribeirão Preto – SP e líder do Grupo de Pesquisa Sexualidadevida/USP

Dr^a Claudiene Santos

Docente da Universidade Católica de Brasília e membro do Grupo de Pesquisa Sexualidadevida/USP

Diversidades sexuais, corpos e desejos em transformação

A busca da auto-realização, o aumento da longevidade, questionamentos acerca da hegemonia da heterossexualidade, os movimentos feministas, organizações de homossexuais e de lésbicas, as pesquisas focando as construções e representações de relações de gêneros vêm possibilitando maior visibilidade das chamadas diversidades sexuais.

Isto sem falarmos dos fenômenos da globalização e a informatização que contribuíram para efetivar o paradigma do risco e da incerteza que caracterizam a sociedade do espetáculo, afetando desse modo, o tom de nossas emoções, o lugar dos corpos e de papéis de gêneros a serem desempenhados. Nosso tempo é o tempo presente. A percepção de tempo e espaços redimensionaram nosso modo de ser. A lógica do *ethos* atual é consumir. Objetos, afetos, pessoas podem ser recicladas. Os vínculos afetivos-sexuais seguem a lógica das paixões consumistas (BRUNS; ALMEIDA, 2004)

Diante dessa realidade mutante o corpo ocupou lugar de mercadoria, um produto com direito a pequenos reparos, todavia com duração programada.

Afinal a lógica do mercado requer sempre novidades para poder atender o consumidor atento. Nos dizeres de Gilles Lipovetsky (2004) a compulsão presentista é uma fuga de um mundo desprovido de futuro, é um escape da angústia existencial.

Dessa perspectiva, transexuais, homossexuais, travestis, *drags* entre outros, cruzam as fronteiras das “normas regulatórias” de gêneros e expõem um universo de diversidades sexuais, ora submetem o corpo a um processo de feminização, não sem dor e sofrimento, ora expõem o desejo de constituir família e desse modo, as

consideradas “minorias” vão inscrevendo outros olhares em direção à desnaturalização da heterossexualidade.

Neste texto focamos nossa atenção à compreensão das diversidades sexuais na interface com a transformação do corpo e do desejo.

Pesquisas realizadas por Pinto e Bruns (2003; 2005) acerca do fenômeno da transexualidade, desvelam o conflito vivenciado pelos transexuais no decorrer da existência por não perceberem o corpo físico em sintonia com o psíquico. Por exemplo, os transexuais masculinos sofrem por se perceberem psiquicamente como mulheres, mas aprisionados num corpo masculino, ou vice-versa as transexuais femininas se percebem aprisionadas psiquicamente à identidade masculina.

O transexual masculino rejeita não só seu corpo físico, em especial os órgãos sexuais, mas, tem dificuldade de aceitar o tamanho dos pés e das mãos e a transexual feminina abomina seu útero, seus ovários e seios, visto serem os delatores de pertencerem ao gênero feminino. Essa cisão entre corpo e mente leva o transexual a não reconhecer o seu corpo enquanto unidade que lhe presentifica a vida. Essa impossibilidade de se perceber habitando seu próprio corpo leva-os a negá-lo e a amordaçá-lo. Num grau extremo de sofrimento se castram se mutilam ou chegam até mesmo a cometerem suicídio, um modo de se libertarem do aprisionamento da alma a um corpo “estranho” ao seu desejo de pertencer ao gênero feminino e ou masculino. Urge dizer, que o objeto de desejo de um transexual masculino é por um homem que se considera heterossexual, frequentemente. O mesmo ocorre com a transexual feminina, sente-se como um menino desde a infância e seu objeto de desejo dirige-se para outra mulher, todavia, não uma lésbica, na maioria das vezes. Rejeita o corpo físico e não raro submete-o à mastectomia e à hysterectomia, um modo de estabelecer sintonia com sua alma masculina. Essa trajetória é vivida com extrema dor psíquica, pois seu corpo não responde à sua identidade sexual.

Na adolescência essas estranhezas adquirem proporções incalculáveis e, os relatos a seguir explicitam o desencontro e angústia vivida nessa fase do desenvolvimento. “(..) não gostava de meu corpo, comecei a passar a gostar menos ainda; (..) eu olhava meu corpo me dava conflito, me dava asco, raiva(..) [14] ; “(...) a gente não consegue é...sexualmente se encontrar, né (..) a gente procura se esconder,

ser a mais discreta possível pra ninguém notar nada né(...) eu chorava constantemente, me odiava, não me aceitava, não me conformava quando tinha de olhar no espelho..” [7]. (PINTO; BRUNS, 2005: p. 418). Nessa obra, o leitor com interesse a ampliar conhecimentos sobre o modo de ser de transexuais, encontrará uma fonte esclarecedora.

Nesse modo de ser indaga: Quem eu sou? “A consequência dessa dicotomia entre corpo e ‘alma’ desencadeia profunda dor e conflito, originando transtornos de identidade sexual, emocional afetivo e psicossocial” (PINTO; BRUNS, 2005: p. 70).

A psicoterapia é recomendada, uma vez que desencadeia o auto-acolhimento, ao mesmo tempo em que o prepara para submeter-se a terapia hormonal com vistas a realizar a cirurgia de adequação sexual. Visualiza a cirurgia como a única possibilidade capaz de eliminar sua discordância sexual. Pesquisas recentes vêm registrando que não raro após a cirurgia de adequação ao sexual o transexual masculino em harmonia com seu sexo biológico e sua “alma” feminina se descobre sentindo prazer erótico por mulher.

No que se refere às transformações dos desejos, vemos as novas configurações familiares em que observamos uma mudança no foco das reivindicações dos movimentos homossexuais face ao fenômeno chamado de *gay baby boom*: do direito por uma sexualidade não procriativa a luta agora é pela procriação não sexual.

As pesquisas que aprimoraram os métodos contraceptivos contribuíram para a revolução sexual e romperam, de maneira mais eficaz, com a relação entre sexo e reprodução. Reprodução decorrente do sexo passou a ser controlada pelo sujeito. As tecnologias de reprodução assistida ofereceram o inverso: reprodução sem sexo. De início, restritas aos heterossexuais, por imitarem a biologia, ou pelo hábito de relacionar apenas heterossexualidade à reprodução, boas justificativas precisam surgir para impedir o acesso de homossexuais. Se propiciam exatamente a reprodução para os impossibilitados, difícil construir uma justificativa para excluir alguém desta população. Os homossexuais se encaixam entre aqueles inférteis, para quem a tecnologia está voltada, especialmente se forem casais. E a infertilidade não é opção, como querem alguns. Uma outra discussão seria admitir a reprodução assistida como alternativa para

aqueles que não querem ter filhos através da relação sexual, mas não é esta a questão em pauta. UZIEL (2002: p.205)

Há uma busca pelo direito de constituir vínculos conjugais, com todas as implicações de uma união estável e famílias com filhos, seja pela adoção, seja pelas novas tecnologias reprodutivas ou por intermédio de relações sexuais (MELLO, 2005; SANTOS, 2005; UZIEL, 2002).

Ao transgredir a norma heterocêntrica, que pressupõe um casal heterossexual, branco, de classe média, em que os papéis sexuais e de gênero estão bem delimitados (NAVARRO-SWAIN, 2000) e definidos e, cuja assimetria nas relações é a marca registrada (SCOTT, 1995), as “minorias sexuais” buscam legitimação aos modos de ser no mundo singulares e, ao mesmo tempo, plurais.

A divisão e a expressão de papéis menos rígida, em que os afetos podem ser demonstrados e em que as relações de poder são mais equânimes ilustram algumas das possibilidades. As transformações rumo a esses modos de expressão mais igualitários e cujas fronteiras são mais fluidas vêm ocorrendo, lentamente.

Os (novos) modelos de parcerias presentes não apenas na mídia, mas, nos variados lugares cotidianos permitem que haja um convívio com a diversidade de sexualidades não hegemônicas ainda que tal visibilidade não se traduza em efetivo combate ao preconceito e à homofobia. Outro aspecto importante a ser registrado diz respeito à feminização do corpo. Travestis e *drags* em busca da auto-realização afetivo-sexual ousam e cruzam as fronteiras das “normas regulatórias” de gêneros e deslocam, transgridem, valores religiosos, mornas morais, ao mesmo tempo subvertem os sentidos e significados do ethos da matriz heterossexual. Nesse caminhar ora, inscrevem, marcam o corpo com injeções de silicone, botox, piercing, cirurgias plásticas entre outros procedimentos estéticos; adequa o sexo biológico ao psíquico. Ora fetichizam o corpo para satisfazer o consumidor atento às novidades.

Todavia, o aumento da visibilidade, da convivência e das demandas específicas das “minorias sexuais” coloca em pauta a discussão da necessidade de engendrar mudanças em todos os segmentos sociais: na ordenação jurídica, no sistema de saúde, no âmbito escolar, no legislativo, bem como no investimento de pesquisas sobre as diversidades sexuais.

Compreender esses modos de expressar no mundo é se permitir refletir a multiplicidade e a fluidez que constituem as identidades sexuais, papéis e representações de gênero, bem como o universo sócio-cultural palco destas possibilidades de ser no mundo.

Referências Bibliográficas

BRUNS, M.A.T.; ALMEIDA, S. **Sexualidade preconceito, tabus, mitos e curiosidades**. Campinas, Editora Átomo, 2004.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MELLO, L. **Novas Famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

NAVARRO-SWAIN, T. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PINTO, M.J.C.; BRUNS, M.A.T. **Vivência Transexual: o corpo desvela seu drama**. Campinas, SP: editora Átomo, 2003.

PINTO, M.J.C.; BRUNS, M.A.T. A Transexualidade no Contexto Hospitalar. In MIYAZAKI, M.C.O.S; DOMINGOS, N.A.M; VALÉRIO, N.I. (org) **Psicologia da Saúde: Pesquisa e Prática**. São Jose do Rio Preto. SP. Editora THS/Arantes, 2005, cap.19, p. 401-422.

SANTOS, C. **A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas**. 2004, 457p. Tese (Doutorado em Psicologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 20 (2): 71-99, jul/dez, 1995.

UZIEL, A.P. **Família e Homossexualidade: velhas questões, novos problemas**. 2002, 259 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Departamento de Ciências Sociais do

| Instituto de Filosofia e Ciências Humanas_- Universidade Estadual de Campinas.
Campinas, 2002.